



Suinocultura de Santa Rosa (RS) se intensifica e alcança escala industrial

Prof. Dr. Sergio De Zen, Marcos Debatin Iguma, Camila Brito Ortelan e Victor Shin Kamiguchi

Originalmente de subsistência, a suinocultura da região de Santa Rosa (RS) evoluiu ao longo dos anos, atingindo elevado nível técnico. O produtor de suínos típico da Unidade de Produção de Leitões Desmamados (UPD) da região conta, atualmente, com 1.200 matrizes em produção intensiva. Os leitões nascem com 1,4 quilo cada e são desmamados aos 28 dias de vida, com 7,5 quilos cada – o ganho médio de peso diário (GPD) é de 0,218 kg.

Com estrutura financeira e componentes de custos bem definidos, a atividade nesta região movimentava valores perto de R\$ 2 milhões ao ano somente com os Custos Operacionais Efetivos (COE), segundo levantamento

realizado em outubro pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP.

A atividade começou a ser praticada em Santa Rosa (RS) em meados de 1918, quando a criação dos animais ainda era voltada principalmente ao consumo das famílias. Segundo produtores locais, os primeiros criadores de suínos tinham apenas dois animais no fundo do quintal, comercializando somente os excedentes.

A partir de 1980, alguns frigoríficos se instalaram na região, demandando carne suína para as primeiras linhas comerciais de maior escala que surgiam no país. A partir de então,

os produtores começaram a se adequar ao recém-chegado sistema de integração, que visava o aumento da produção e à evolução das linhagens genéticas empregadas. Assim, mais galpões foram sendo construídos e novos projetos, lançados.

Em 1993, intensificou-se a criação de animais terminados, com o estabelecimento de grandes grupos industriais no Rio Grande do Sul. Diante da nova dinâmica de mercado, criadores de ciclo completo da região foram se desligando da atividade.

Dados do IBGE corroboram com as informações relatadas em painel, indicando aumento dos rebanhos a partir da década de 1980:

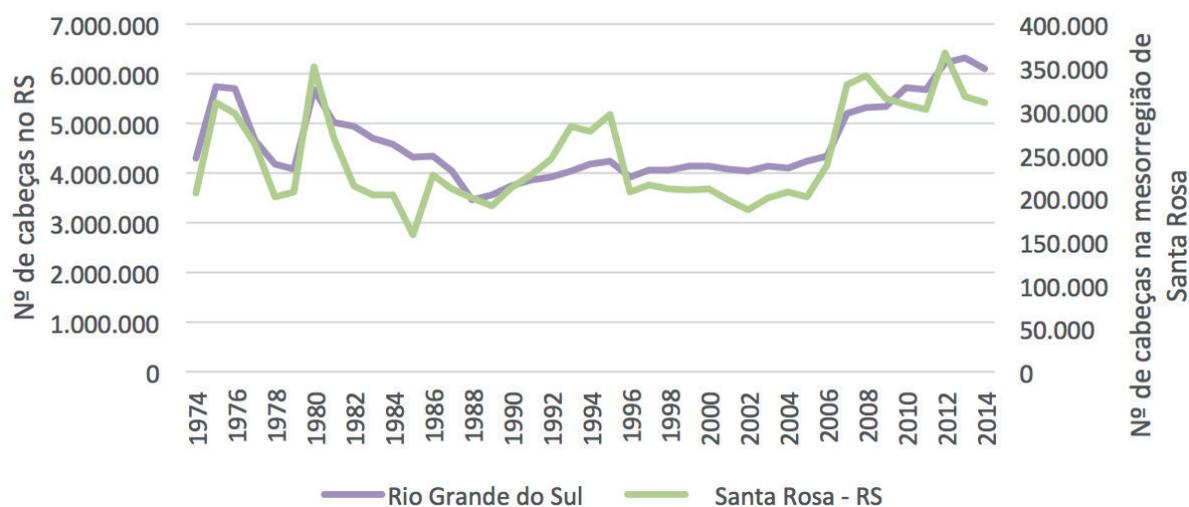


Gráfico 1: Evolução do rebanho de suínos no RS e na mesorregião de Santa Rosa | Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)

ESTRUTURA – Suinocultores integrados da região de Santa Rosa (RS) costumam se dividir em quatro categorias: produtores de leitões até o desmame, produtores que realizam

só a etapa de creche, terminadores e produtores que praticam o ciclo completo –, estes últimos são minoria. A evolução da atividade regional garantiu a especialização dos suino-

cultores para cada etapa da cadeia produtiva, caracterizando uma maior variedade de contratos e modelos de produção.

Dólar afeta mais suinocultor que compra o próprio insumo

Prof. Dr. Sergio De Zen, Marcos D. Iguma, Mariane C. dos Santos

Ao mesmo tempo em que favoreceu às exportações, a valorização do dólar frente ao Real – de mais de 45% de janeiro até 11 de dezembro – elevou os custos de produção da suinocultura em 2015, com destaque para itens como ração e medicamentos. No entanto, levantamentos do Cepea/CNA mostram a existência de três modelos

de produção, que se comportam diferentemente em relação a esse fenômeno: o produtor integrado “total”, que não sente diretamente os efeitos da alta do dólar, pois recebe todos os insumos da agroindústria; o produtor integrado “parcial” que arca com a compra de parte dos insumos, como ração e medicamentos; e o produtor

independente, que busca diretamente no mercado seus insumos.

Neste cenário, a posição de quem ganha e quem perde com o câmbio não é tão clara para o produtor integrado, em função das diferentes condições contratuais existentes entre produtor e agroindústria.



Gráfico 2: Evolução do dólar de janeiro a dezembro de 2015 | Fonte: Cepea/Esalq-USP

Já o suinocultor integrado “parcial” percebe mais os impactos sobre os desembolsos efetivos, especialmente com ração, que é um dos principais componentes de custos da atividade. Esse é o caso de produtores típicos da Unidade de Produção de Leitões

(UPL), de Rio Verde (GO) e da Unidade de Produção de Leitões de Desmama (UPD) de Santa Rosa (SC). Estas são propriedades integradas, onde os produtores arcam diretamente com os custos da aquisição de ração e alguns itens veterinários (Gráfico 3).

Por outro lado, ainda que a demanda internacional tenha sido favorável ao longo de 2015, o produtor não é o responsável pelo embarque do produto, que cabe aos frigoríficos. Assim, o suinocultor não se beneficia diretamente com o aquecimento das exportações.

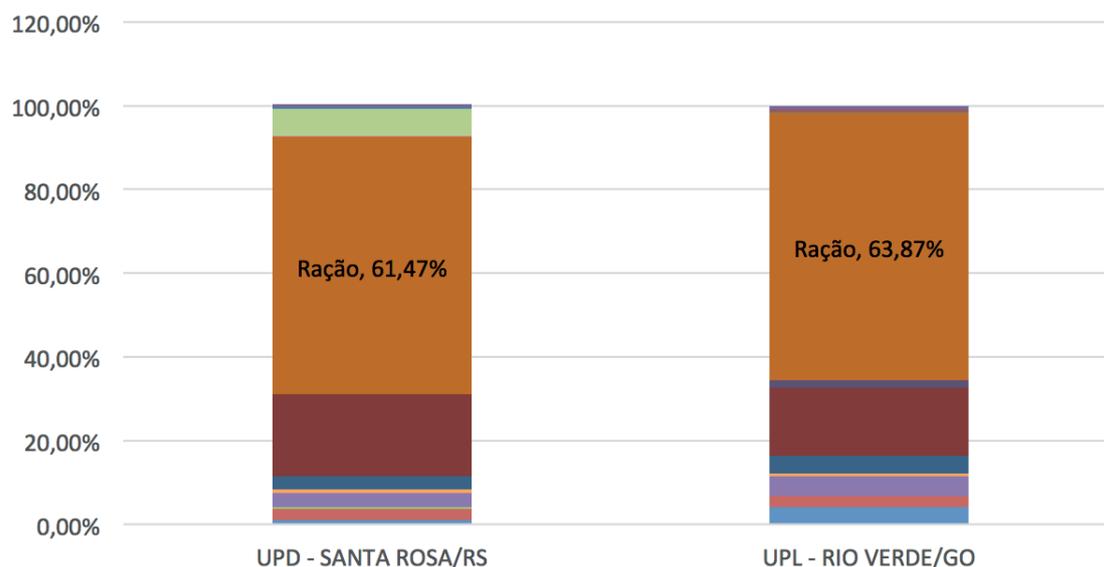


Gráfico 3: Custo com manutenções e ração em RS e GO | Fonte: CNA e Cepea/Esalq-USP

Saúde financeira da suinocultura exige mais eficiência na produção e melhor remuneração ao produtor

Prof. Dr. Sergio De Zen, Marcos D. Iguma, Camila B. Ortelan e Victor Shin Kamiguchi

Levantamentos de painéis realizados em 2015 pela Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) em parceria com o Cepea, da Esalq/USP, em propriedades suinícolas de Dourados (MS) e de Santa Rosa (RS) demonstram que a unidade típica da Unidade de Produção de Leitões (UPL) gaúcha é mais saudável financeiramente no longo prazo frente à sul-mato-grossense, que trabalha com sistema de UPD.

Esse resultado está atrelado à maior receita obtida com a entrega de leitões da propriedade de Santa Rosa, que garantiu o custeio do Custo Operacional Efetivo (COE) e também do Custo Operacional Total (COT). A maior vantagem observada na UPD de Santa Rosa também se deve ao fato de essa unidade preparar a própria ração, o que resulta em maior remuneração sobre os leitões desmamados entregues à agroindústria no sistema de integração. Além disso, o preparo da ração na unidade permite maior controle sobre os custos de produção.

Foi observado também que a relação contratual entre suinocultores e a agroindústria é mais equilibrada em Santa Rosa, tendo esses produtores melhores condições contratuais e de aferição dos resultados.

Já quando analisada a eficiência da mão de obra, a propriedade localizada na região de Dourados apresenta melhores resultados, com maior escala de produção. Dados coletados, anualmente, nesta pesquisa, indicam que são alojadas de 2,3 mil matrizes a 3,13 mil leitões en-

tregues à agroindústria por funcionário. Já na região gaúcha, apenas 1,2 mil são alojadas, desmamando 2,61 mil leitões ao ano por funcionário. A propriedade típica de UPL de Dourados também apresenta COE menor.

Com isso observa-se que, apesar desse cenário (menor COE, maior eficiência da mão de obra e maior escala de alojamento), a propriedade de Dourados não

garante o melhor desempenho financeiro frente ao apresentado em Santa Rosa.

Assim, segundo cálculos do Cepea/CNA, Santa Rosa tem Margem Bruta (MB) 57% maior que a de Dourados e Margem Líquida (ML) que supera à de Dourados em R\$ 230 mil ao ano. Esse contexto mostra o grande impacto da remuneração dos animais para a sustentabilidade da atividade no longo prazo.

Distribuição do COE, COT e CT

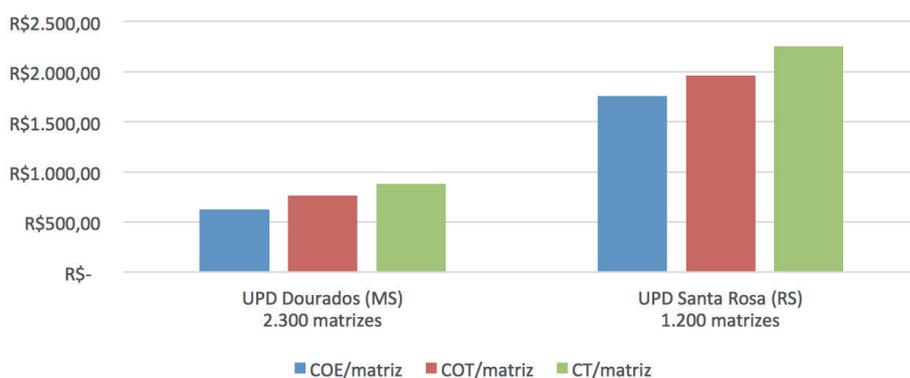


Gráfico 4: Distribuição do COE, COT e CT em Dourados/MS e Santa Rosa/RS | Fonte: CNA e Cepea/Esalq-USP

Distribuição de margens (MB, ML e L)

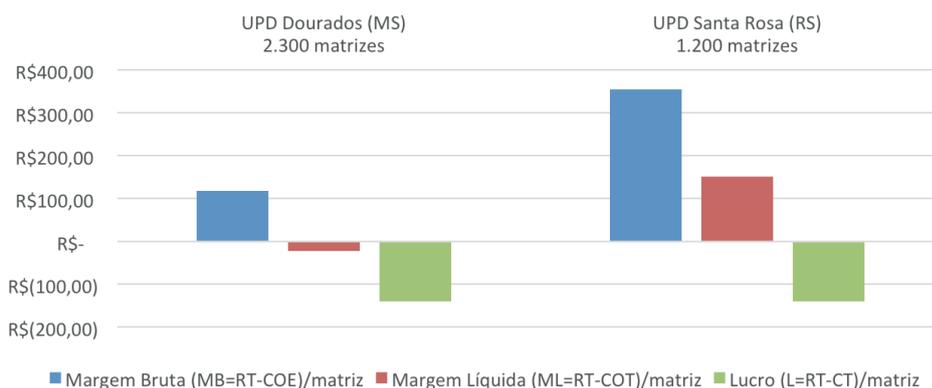


Gráfico 5: Distribuição do COE, COT e CT em Dourados/MS e Santa Rosa/RS | Fonte: CNA e Cepea/Esalq-USP

Elevação dos custos limita ganhos da suinocultura em 2015

Por Prof. Dr. Sergio de Zen, Marcos D. Iguma, Augusto Maia e Paola G. Ribeiro

Os elevados custos de produção pressionaram os resultados do setor suinícola brasileiro, em 2015. A demanda pela carne também ficou abaixo das expectativas, em decorrência princi-

palmente da instabilidade econômica no país, o que, combinado à oferta relativamente alta, manteve os preços enfraquecidos em toda cadeia, durante grande parte do ano. Certo

alívio veio das exportações, que geraram receita recorde, diante do dólar valorizado frente ao Real.

Com o objetivo de sustentar os pre-

ços ou mesmo evitar quedas bruscas, suinocultores independentes restringiram a oferta de animais para abate em momentos estratégicos. O fato é que, motivado pelos bons resultados de 2014, o setor aumentou o volume produzido.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) indicam que o abate de animais, ao menos até junho deste ano (últimos dados disponíveis), apontava um volume 5% maior de cabeças abatidas que em anos anteriores. De janeiro a junho, foram 18,9 milhões de animais abatidos, ante os 18 milhões em relação ao mesmo período de 2014.

Paralisações e greves ocorridas no início e no fim de 2015 (caminhoneiros e fiscais agropecuários) e o excesso de chuvas na região Sul do país em outubro, que interrompeu as operações no porto de Itajaí (SC), também foram motivos de preocupação dos produtores de suínos no decorrer de 2015.

EXPORTAÇÃO – De janeiro a novembro, o montante arrecadado em Reais com os embarques totais da cadeia suinícola (carne in natura, industriali-

zada e miúdos) foi de R\$ 3,93 bilhões, 5,6% a mais que nos primeiros 11 meses de 2014, segundo números da Secretaria de Comércio Exterior (Secex), do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). Abriu-se assim, a possibilidade de, pela primeira vez, serem ultrapassados os R\$ 4 bilhões com as exportações desta cadeia.

Além do dólar valorizado, que eleva a competitividade do produto brasileiro (estimulando o volume vendido) e

também o preço em Reais, a retomada intensa das compras russas também auxiliou nos ganhos.

Considerando-se todos os destinos, de janeiro a novembro de 2015, foram exportadas 493 mil toneladas de carne suína (incluindo todos os derivados), 9% a mais que no mesmo intervalo de 2014. No segundo semestre, houve claro aumento das vendas, o que ajudou a enxugar a oferta de carne mercado doméstico e favoreceu recuperações dos preços. 🌱

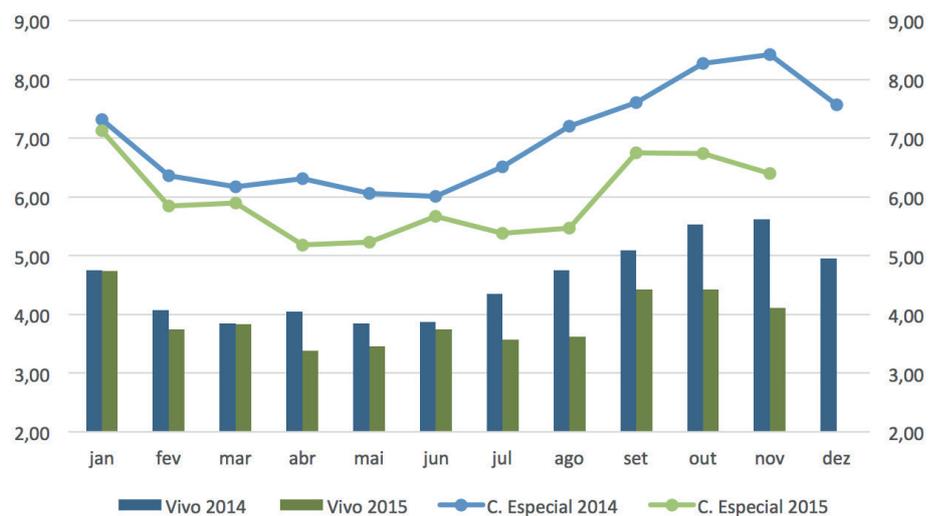


Gráfico 6: Preços mensais para o suíno vivo e carcaça especial para a Grande SP | **Fonte.** Cepea/Esalq-USP